

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A OBRA INFANTIL “O BOITATÁ E OS
BOITATINHAS”:** reflexões e proposições baseadas na Pachamama

**ENVIRONMENTAL EDUCATION AND THE CHILDREN'S BOOK “O BOITATÁ E
OS BOITATINHAS”:** reflections and propositions based on the Pachamama

Samuel Pentado Urban

Professor, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), samuelurban@uern.br.

Resumo

Diante do atual estágio do capitalismo, que reduz a natureza a um mero objeto e recurso a ser explorado até a exaustão, faz-se de vital importância o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica, que tenha seu início já nos primeiros anos de escolarização. Assim, por meio de reflexões teóricas oriundas do Projeto de Ensino “Literatura Infantil e Educação Ambiental desde el Sur” e do “Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – GEASur/UERN”, o presente texto busca apresentar e propor a utilização da literatura infantil através da obra “O Boitá e os boitatinhas”, de Mouzar Benedito e Halina Beltrão, em consonância com a Educação Ambiental, numa perspectiva crítica relacionada à Pachamama.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Infância. Literatura.

Abstract

Faced with the current stage of capitalism, which reduces nature to a mere object and resource to be exploited to exhaustion, it is vitally important to develop a critical environmental education, which begins in the first years of schooling. Thus, through theoretical reflections arising from the Teaching Project "Children's Literature and Environmental Education from the South" and from the "Group of Studies in Environmental Education from the South - GEASur/UERN", this text seeks to present and propose the use of children's literature through the work “O Boitá e os boitatinhas”, by Mouzar Benedito and Halina Beltrão, in line with Environmental Education, in a critical perspective related to Pachamama.

Keywords: Environmental education; Childhood; Literature.

1. INTRODUÇÃO

No atual estágio do capitalismo, a natureza tem sido tratada como um mero objeto, como um recurso a ser explorado até a exaustão. A exemplo disso, viu-se no contexto brasileiro, em especial entre os anos de 2019 e 2022, recordes de desmatamento na região amazônica sob a justificativa do desenvolvimento e do progresso. Situação esta que gerou até mesmo a demissão do então diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Ricardo Galvão, no ano de 2019, após a divulgação de dados oficiais sobre o desmatamento na Amazônia. Esta última como resultado da “passada da boiada”, expressão proferida pelo Ministro do Meio Ambiente àquele momento – entre 2019 e 2021.

Por esse motivo, como forma de se contrapor a essa lógica, que também é desumana, faz-se de vital importância o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica que tenha como essência a ideia de que somos parte da “Terra Mãe” e que ela seja realizada desde os primeiros anos de escolarização.

E para isso, dentre os vários recursos possíveis de serem utilizados, destaca-se aqui a importância da literatura infantil, tendo como base a obra “O Boitatá e os boitatinhas”, de Mouzar Benedito e Halina Beltrão, publicado pela editora Boitempo (selo infantil Boitatá) em 2019.

Cabe destacar que a presente discussão teórica é fruto de reflexões oriundas de dois projetos: Projeto de Ensino intitulado “Literatura Infantil e Educação Ambiental desde el Sur” e do projeto de extensão “Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – GEASUR/UERN”, ambos institucionalizados junto à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Assim, o presente texto busca refletir e propor acerca da importância da literatura infantil relacionada à Educação Ambiental, para que assim seja possível formar pessoas conscientes ambientalmente, no sentido da construção de uma sociedade solidária e democrática, numa perspectiva crítica no sentido da harmonia entre ser o humano e a natureza, incluindo aqui a “ecologia de saberes”.

No que se refere à metodologia do presente trabalho, foi realizada, inicialmente, uma breve reflexão sobre a importância da literatura infantil para a formação crítica da criança com base em Candido (2004), Cosson (2009), Nigro (2007) e Sedano (2019). Em seguida, foi apresentada uma breve síntese teórica acerca da concepção de natureza defendida aqui, ligada à ideia da *Pachamama*, com base em Boff (2017), Brito (2021), Santos (2007, 2018) e

Zaffaroni (2017). Por fim, é apresentada a obra “O Boitatá e os boitatinhas” (Benedito e Beltrão 2019), como possibilidade de prática sobre a relação entre Educação Ambiental e literatura infantil, com base nas discussões relacionadas à *Pachamama*.

2. BREVE DISCUSSÃO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Para início de conversa, inicio aqui com a afirmação de Luciana Sedano (2019), em que se destacam “(...) dois temas educacionais de suma importância: o ensino de ciências e a leitura”. (Sedano 2019, 80). Isso porque, “Nos dias atuais é indiscutível a deferência desses dois objetos nas discussões e estudos não só na educação, mas da própria formação da sociedade” (Sedano 2019, 80).

Parte-se aqui da defesa da não dicotomização da relação sociedade e natureza, já que a degradação desta última afeta direta e indiretamente diversos povos do Brasil. É possível afirmar que a deferência dos dois objetos (ensino de ciências e a leitura), citados anteriormente, podem fortalecer uma formação que tenha como essência a conscientização ambiental, que também é humanização.

Nesse sentido:

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson 2009, 23).

Nesse caminho de busca por uma conscientização ambiental, e que se liga à necessidade de formação para a competência intelectual, desde a mais tenra idade, Candido (2004) afirma que, através das práticas sociais de leitura, é possível trabalhar em sala de aula “(...) o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo (...), a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. (Candido 2004, 180).

Com isso, considerando que os textos são recursos que se relacionam ao pensamento e à cognição (Nigro 2007), com a utilização da literatura infantil, objetiva-se formar leitores autônomos e competentes (Sedano 2019, 77).

Logo, com base nas contribuições de Candido (2004) e Sedano (2019), é admissível dizer que a reflexão da criança se refere à leitura de mundo, que se liga às competências

intelectuais e atitudinais de respeito ao próximo, à natureza e ao entendimento de que as suas ações podem ter consequências.

3. COMPREENDENDO A *PACHAMAMA*

Para fazer a presente reflexão é necessário partir de uma crítica à ciência moderna com base em Santos (2018), pois ela “(...) assenta em pressupostos que são totalmente eurocêntricos, como, por exemplo, a separação sujeito-objeto ou a separação sociedade-natureza”. (Santos 2018, 36).

De forma complementar, é possível dizer que “(...) essa separação também é hierarquização, sobretudo no que se refere à separação entre seres humanos e natureza”. (Zafforini 2017, 25)

Cabe destacar que não se trata aqui de negar o conhecimento científico. Isto é, “Não se trata de ‘descredibilizar’ as ciências nem de um fundamentalismo essencialista ‘anticiência’”. (Santos 2007, 36), mas sim como forma de compreender que a ciência moderna é um conhecimento em meio a outros não menos importantes, chegando aqui na ideia da “(...) ecologia de saberes” (Santos 2007).

Esta última se assenta na ideia de superação da hierarquia de saberes, sendo que determinado conhecimento pode ser válido para determinada sociedade, mas não para outra (Santos 2018).

Nesse sentido, o mesmo autor nos apresenta que “Para ir à Lua é necessária a ciência moderna, mas para preservar a biodiversidade da Amazônia é essencial o conhecimento indígena. Ninguém conhece melhor a Amazônia que os indígenas”. (Santos 2018, 36).

Em outra obra, o mesmo autor afirma que é necessário avaliar “(..) se se vai à Lua, mas também se se preserva a biodiversidade. Se queremos as duas coisas, temos de entender que necessitamos de dois tipos de conhecimento e não simplesmente um deles”. (Santos 2007, 37).

Com isso, tem-se aqui a necessidade de destacar o que se entende por *Pachamama* – objetivando sair da lógica dicotômica ser humano-natureza –, que não se insere dentro da ciência moderna, para que possamos pensar em uma outra possibilidade de leitura da Educação Ambiental fundada na ideia de harmonia entre o ser humano e a natureza.

Nessa perspectiva, *Pachamama* significa:

Mãe Terra, a representação da divindade em forma feminina, a fecundidade, a criação, os braços maternos que embalam a vida. Mais, muito além de um debate de gênero, também, mas uma cosmovisão do cuidado, que nasce das raízes das florestas e das montanhas que se espalham nos Andes. Originária da língua quéchua, oficial na Bolívia, Peru e Equador, falada e viva por milhões de pessoas, Pachamama é deidade acolhedora da natureza. (Brito 2021, 186).

Pachamama, então, refere-se à Mãe Terra, à “Casa Comum, na qual todos os seres são incluídos”. (Boff 2017, 11). Refere-se àquela “(...) que tudo dá, mas como permanecemos em seu interior como parte dela, também exige reciprocidade”. (Zafforini 2017, 92), no sentido de “(...) virtualidades criadoras de harmonia do ser humano com a natureza que a visão andina do ‘bem viver e conviver’ (*sumak kawsay*¹) comporta”. (Boff 2017, 11).

Assim, com base nessas reflexões iniciais, considerando que a “Terra é um organismo vivo, é a Pachamama de nossos indígenas”. (Boff 2002 *apud* Zafforini 2017, 70), serão realizados aprofundamentos, reflexões e proposições sobre a Pachamama relacionada à obra “O Boitató e os boitatinhas”, ponderando a realidade brasileira.

4. A OBRA “O BOITATÁ E OS BOITATINHAS” NA RELAÇÃO COM A PACHAMAMA

Primeiramente, faz-se necessário apresentar aqui quem são os principais personagens presentes na obra em questão, onde o conto se passa numa localidade denominada “Campo Alegre”, sendo ela uma região camponesa.

Nesse sentido, o destaque inicial se dá para Corisco: “(...) idoso, dizem que é filho de índios e gosta de contar histórias, para adultos e crianças, do lugar onde ele mora, que se chama Campo Alegre”. (Benedito e Beltrão 2019, 3).

Destacam-se, também, as crianças, sendo elas: Olga e seu irmão, chamado Carlos (Carlinhos); Frederico (Fred) e sua irmã, Rosa.

A história começa quando, em conversa com as crianças, Corisco afirma “(...) com sua voz grave a vagarosa” (Benedito e Beltrão 2019, 3): “Um fantasma ronda estes campos...” (Benedito e Beltrão 2019, 3). Em seguida, dentre as falas das crianças, Frederico questiona: “Mas, afinal, que fantasma é esse de que seu Corisco falou? (...) Depois de segundos de suspense, Corisco disse: O Boitató”. (Benedito e Beltrão 2019, 6).

1 Expressão oriunda da língua quéchua.

Nisso, “Corisco chamou as crianças para darem um passeio juntos”. (Benedito e Beltrão 2019, 6) e disse: “Alguém aqui quer pôr fogo no campo? (...) O Boitatá só persegue quem faz maldades...”. (Benedito e Beltrão 2019, 6).

Podemos retomar a discussão relacionada à concepção de natureza defendida aqui, da *Pachamama*, pensando-a ao lado do Boitatá, pois, como afirma Zaffaroni (2017, 94), “Em toda a nossa América habitam entidades sobre-humanas (...) [que] fazem parte da natureza e a defendem”.

Pois, além de ambos os termos (*Pachamama* e Boitatá) estarem ligados à ideia de que a natureza se ofende quando seus filhos são maltratados (Zaffaroni 2017, 93), como entidades sobre-humanas, *Pachamama* e Boitatá têm origem nas culturas indígenas da América Latina. A primeira é oriunda da língua quéchua e a segunda da língua tupi, sendo que Boitatá “(...) vem da língua tupi. *M’boy*, que a gente pronuncia boi, significa ‘cobra’ em tupi. E tatá é ‘fogo’. Boitatá é ‘cobra de fogo’”. (Benedito e Beltrão 2019, 20).

Trata-se aqui de dar “(...) credibilidade para os conhecimentos não científicos”. (Santos 2009, 48), na perspectiva da ecologia de saberes, buscando valorizar “(...) outros conhecimentos não científicos e não-ocidentais [que] prevalecem nas práticas quotidianas das populações”. (Santos 2009, 47), pois, como afirma Santos (2009, 49):

(...) nenhuma forma singular de conhecimento pode responder por todas as intervenções possíveis no mundo, todas elas são, de diferentes maneiras, incompletas. (...) Não há conhecimento que não seja conhecido por alguém para alguns objetivos. Todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos.

Assim, considerando o Boitatá dentro dessa perspectiva de entidade sobre-humana ligada aos povos tradicionais (saberes populares), numa perspectiva não-ocidental de conhecimento, podemos considerar o Boitatá como uma manifestação da *Pachamama* relacionada ao contexto da região de Campo Alegre, portanto, como afirma Zaffaroni (2017, 92), “*Pachamama* é uma deidade protetora”. Também:

Pachamama é natureza e se ofende quando seus filhos são maltratados: não gosta da caça com armas de fogo (...). Não impede a caça, a pesca e o corte de árvores, mas sim a depredação, como boa reguladora da vida de todos os que estamos nela. *Pacha* lhes permitiu viver, semear caçar (mas não em tempos de proibição), construir seus terraços para aproveitar as chuvas, e lhes ensinou a usar a natureza, isto é, ela mesma – que também somos nós –, mas na medida necessária e suficiente (Zaffaroni 2017, 93).

Podemos associar essa concepção harmônica de natureza com a agroecologia, pois, para Leff (2002, 42), referindo-se aos saberes populares, ele afirma que esses saberes “(...) incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura”.

Nesse sentido, a agroecologia considera:

O solo não é um suporte para adubos, água de irrigação e culturas, mas um organismo vivo, cujo esqueleto é a parte mineral, os órgãos são os micróbios que ali vivem e o sangue é a solução aquosa que circula por ele. Respira como qualquer outro organismo vivo e possui temperatura própria. Necessita tanto das plantas como as plantas necessitam dele. (Knabben 2016, 161).

Retomando a história, mais especificamente ao passeio orientado por Corisco, ele, “(...) então, parou e pediu que as crianças observassem as plantas e os bichos que havia ali”. (Benedito e Beltrão 2019, 9). Nisso, “Rosa protestou: Ah, mas aqui só tem capim e uns matinhos bobos, que nem este carrapicho... (...) De bicho só tem tatu, lagarto e passarinho – continuou Fred”. (Benedito e Beltrão 2019, 9).

Foi, então, que surgiu dona “Elenira, a curandeira da cidade”. (Benedito e Beltrão 2019, 9) com o seu filho Ernesto, que, a pedido de Corisco, explicou para as crianças que cada ser vivo tem o seu valor, a exemplo das plantas utilizadas na medicina tradicional para a saúde do ser humano.

Dona Elenira precisou ir embora, mas deixou Ernesto ficar com Corisco e com as outras crianças. A partir de então, as crianças começaram a observar mais atentamente os seres vivos presentes na área em que passeavam, discutindo sobre o bioma em questão (Cerrado), bem como sobre as plantas e animais da região.

Corisco, então, buscando provocar as crianças, afirma: “(...) tem gente que acha que só grandes animais merecem ser respeitados. Abelha, borboleta, pica-pau, joão-de-barro, quero-quero, seriema, lagarto, tatu... Isso para eles não importa”. (Benedito e Beltrão 2019, 19).

Estabelecendo um paralelo com o ser humano no sistema capitalista, Fred afirma, complementando Corisco: “É como as pessoas que acham que pobre não vale nada... (...) Acham que só rico merece respeito”. E isso se dá, pois, “a mesma lógica que explora as classes e subjuga nações depreda os ecossistemas e extenua o planeta Terra”. (Boff 2002 apud Zafforini 2017, 70).

Assim, Carlinhos complementa: “As plantinhas e os bichinhos daqui merecem viver como qualquer outra planta e qualquer outro animal”. (Benedito e Beltrão 2019, 19).

E Corisco conclui: “O Boitatá também acha isso (...). Ele é protetor dos campos, de toda forma de vida que há neles. Por isso correu atrás do seu tio, que estava pondo fogo no pasto. E vai queimar quem mais fizer isso”. (Benedito e Beltrão 2019, 20). E continuou: “Os

seres encantados com os que protegem a natureza, eles fizeram uma divisão do trabalho. O Curupira protege a mata fechada, o Caipora protege os animais da mata, a Iara protege a vida na água doce dos rios e dos lagos (...). E o Boitatá protege os campos (Benedito e Beltrão 2019, 20).

Após essa conversa, “Fred ficou pensativo por um tempo, então questionou: “Mas seu Corisco, por que o senhor está falando tudo isso?”. (Benedito e Beltrão 2019, 23). E Corisco respondeu: “Porque o Boitatá está bravo. Tem gente querendo queimar tudo isto aqui”. (Benedito e Beltrão 2019, 23).

Nisso, surge a figura de Roque Fela, uma pessoa gananciosa que queria comprar as terras dos camponeses para instituir ali uma grande propriedade, um haras. Então, “Corisco passou nas casas de todos os moradores de Campo Alegre, chamando-os para uma reunião numa escolinha perto dali. Era para decidir sobre o futuro daquele lugar”. (Benedito e Beltrão 2019, 28).

Na reunião, a comunidade conseguiu pensar em um plano: transformar aqueles campos em APA, quer dizer, Área de Proteção Ambiental. Assim, aquele bioma não poderia ser destruído. Todas as propriedades de Campo Alegre fariam parte dessa APA (Benedito e Beltrão 2019, 31).

No entanto, questionou um morador: “Mas como nós vamos viver? Nós temos que plantar comida, criar animais...” (Benedito e Beltrão 2019, 31). E Corisco explicou:

Podem continuar vivendo da mesma forma. Dentro de uma APA, é permitido ter agricultura familiar, isto é, criar e plantar animais para o próprio sustento... Só não poderão queimar, destruir ou cultivar monocultura para vender, isto é, aquelas plantações imensas de só um tipo de produto, cheias de agrotóxico. (Benedito e Beltrão 2019, 31).

Pensando na última fala de Corisco, podemos associar a proposta dele à agroecologia, apresentada anteriormente sob a leitura da *Pachamama*, pois com a APA o que se quer impedir é a depredação (Zafforini 2017, 93) e não o uso responsável e necessário ao desenvolvimento da vida.

Isso porque a agroecologia está ligada a uma:

(...) necessidade de um diálogo de saberes que reconheça nos povos do campo e da floresta sujeitos privilegiados da agroecologia, um diálogo não exclusivamente técnico, nem com finalidade econômica e ecológica apenas, mas também de ordem ética e cultural, e que se materialize, inclusive em ações sociais coletivas. (Gubur e Toná 2012, 62).

Ela é a “(...) coevolução entre os sistemas naturais e sociais, entre ambiente e cultura”. (Gubur e Toná 2012, 61), isto é, “Dizem respeito à matriz sociocultural ou comunitária, ou seja, à práxis intelectual e política, à identidade local e às relações sociais em que os sujeitos do campo se inserem”. (Gubur e Toná 2012, 61).

Seguindo a história, “Enquanto conversavam, seu Geraldo, um dos moradores da região, chegou correndo e bufando. Contou que o tal de Roque Fela queria comprar o sítio dele também e que tinha aparecido com uns homens que ele dizia serem seus sócios”. (Benedito e Beltrão 2019, 31). Nisso, seu Geraldo afirma:

(...) quiseram dar uma olhada no sítio. Fui mostrando para eles. Roque falou que ia queimar o pasto, para plantar grama importada (...). O sujeito reclamou das abelhas, dos bichos... Falou ainda que o bom de queimar o campo é que não sobraria nada disso. Mas então aconteceu algo terrível... (...) Só sei que brotou um fogo esquisito ali, parecia um tição correndo pelo pasto. Não deu tempo de nada. Roque tentou correr, mas pisou num buraco de tatu e caiu no chão. O fogo queimou a bunda dele. Os outros três foram ajudar, mas dois queimaram a bunda também. (Benedito e Beltrão 2019, 32-33).

Podemos ver aqui a Terra Mãe se virando contra aqueles que queriam causar a sua destruição. E, nesse sentido, exclamaram as crianças: “O Boitató! Viva!”. (Benedito e Beltrão 2019, 33).

Por fim, com o intuito de concluir a história, Rosa resolve perguntar ao seu Corisco: “O senhor é o Boitató? Quer dizer... O senhor se transforma no Boitató?” (Benedito e Beltrão 2019, 43). Com isso, Corisco “(...) olhou um a um nos olhos, causando um pouco de arrepio em toda turma. Por fim, falou: Vocês são danados mesmo. Turminha esperta. Eu posso ser, sim, um Boitató..., mas, e vocês? Será que cada um não é um boitatazinho?”. (Benedito e Beltrão 2019, 44).

Destaca-se que esta última fala de Corisco se refere às crianças que, a partir dos aprendizados contados durante a história, são responsáveis pela Terra Mãe, a *Pachamama* (Brito 2021), ligando-se à ideia de que se faz necessário formar pessoas conscientes ambientalmente, um “Inconsciente coletivo”. (Zafforini 2017, 96), ou seja, uma “Manifestação concreta de um vestígio da evolução humana marcado de forma indelével em todos os humanos”. (Zafforini 2017, 96).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho com a literatura infantil sob a orientação/mediação do professor, as crianças, para além do desenvolvimento da leitura e da escrita, vão se colocando na história como personagens e, nesse interim, é desenvolvido o processo de humanização, que se refere ao processo de conscientização ambiental.

Nisso, levando em conta a importância de se considerar os conhecimentos prévios dos sujeitos envolvidos junto ao processo de ensino e aprendizagem, aludindo ao “(...) universo simbólico em que nosso aluno está inserido”. (Delizoicov, Angotti e Pernambuco 2002, 136), caberá ao professor provocar as crianças para que possam levantar situações cotidianas que se relacionam à questão ambiental e à perspectiva que se pretende discutir.

Logo, pensar sobre a *Pachamama* junto à infância, propicia o desenvolvimento do respeito e do compromisso com os povos tradicionais, com os povos camponeses, com os povos indígenas e seus saberes. Desenvolvimento este necessário em tempos de latência e predominância do colonialismo junto ao pensamento nacional.

Traz-se assim a ideia de “Inconsciente coletivo”. (Zafforini 2017, 96), no qual podemos pensar e despertar nos alunos o interesse pela coletividade, devido ao fato de que a união das pessoas pode vir a mudar as coisas numa perspectiva de pensamento que não imite o Norte epistêmico, mas sim o contraponha, sobretudo numa visão anticolonial (Santos 2018) ligada à ecologia de saberes.

6. REFERÊNCIAS

- Benedito, M & Beltrão, H. (2019) *O Boitató e os boitatinhas*. São Paulo: Boitató.
- Boff, L (2017). Prefácio à edição brasileira - O encontro feliz da Pachamama com Gaia. In: Zaffaroni, E. R. (Org.), *A Pachamama e o ser humano*. Florianópolis: Editora UFSC.
- Brito, A. G. (2021). Pachamama e a teia da vida: entre a sociedade de risco, a ecologia profunda e a cosmovisão indígena. *Revista Espaço Acadêmico*, 21 (230), 178-188.
- Candido, A. (2004). O direito à literatura. In: Candido, A, *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul.
- Cosson, R. (2009). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto.

- Delizoicov, D, Angotti, J. A. & Pernambuco, M. M. (2002). *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez.
- Gubur, D. M. P. & Toná, N. (2012). Agroecologia. In: *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular.
- Knabben, V. M. (2016). *Ana Maria Primavesi: histórias de vida e agroecologia*. São Paulo: Expressão Popular.
- Leff, E. (2002). Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, 3 (1), 36-51.
- Nigro, R. G. (2007). Textos e leitura na educação em ciências: contribuições para a alfabetização científica em seu sentido mais fundamental. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Santos, B. De S. (2018). *Na oficina do sociólogo artesão: aulas: 2011-2016*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. De S. (2009). *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: Santos, B. De S. & Meneses, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES.
- Santos, B. de S. (2007). *Renovar teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- Sedano, L. (2019). *Ciência e literatura: um encontro possível*. In: Carvalho, A; M. P. de. *Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula*. São Paulo: Cengage Learning.
- Zaffaroni, E. R. (2017). *A Pachamama e o ser humano*. Florianópolis: Editora UFSC.